

OFTALMOLOGISTAS PORTUGUESES NO MUNDO

Mare barbaricus:
Oceanus indicus meridionalis:
FERNANDO HENRIQUE DE SOUSA BIVAR WEINHOLTZ
Circulus arcticus:

OFTALMOLOGISTAS PORTUGUESES NO MUNDO



F.H. S. B. W.
Lisboa 2013

Oftalmologistas Portugueses no Mundo

1ª edição - Agosto de 2013

Design e paginação: Ricardo Correia

ISBN: 978-989-98118-2-9

Depósito legal:

Tiragem: 1,300 exemplares

Impresso em: Ondagrafe - Artes Gráficas, Lda. Loures - Portugal

Publicado por:

Sociedade Portuguesa de Oftalmologia

Campo Pequeno, 2 - 13º

1000 - 078 Lisboa

©Sociedade Portuguesa de Oftalmologia.

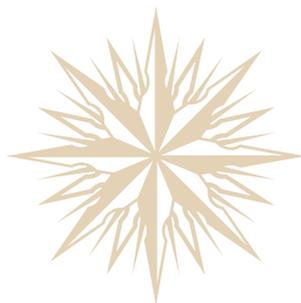
Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, armazenado ou transmitido total ou parcialmente sem a autorização prévia escrita dos seus autores.

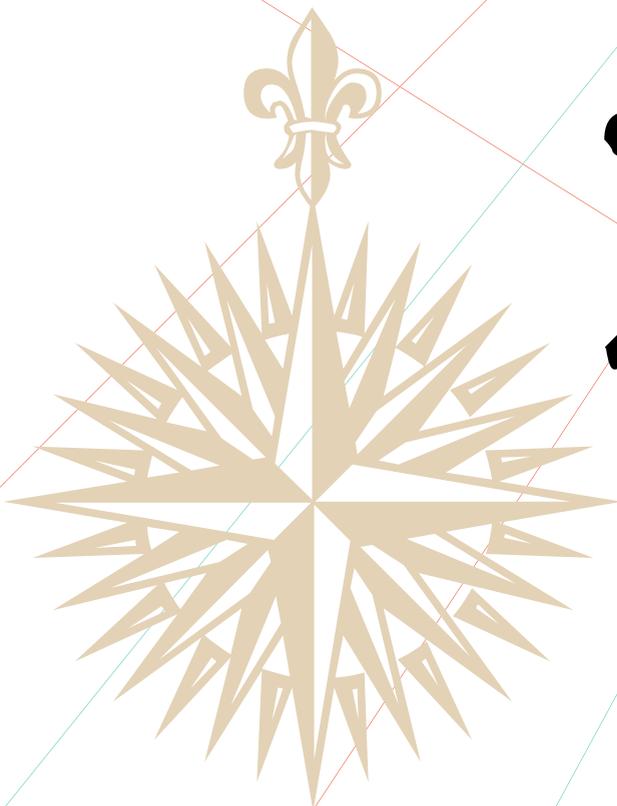
Os textos, esquemas e imagens da presente publicação são da inteira responsabilidade dos seus autores.

Todo o conteúdo deste livro foi publicado sem qualquer interferência da Théa Portugal S.A.

Índice

Prefácio	04
Oftalmologistas Portugueses no Mundo	06
Considerações Finais	36
Joaquim Félix Alfredo de Sousa	39
Legislação Portuguesa	42
Bibliografia	45
Agradecimentos	47





Entrefacção

A propósito da realização do 1º Congresso de Oftalmologia de Língua Portuguesa, em Dezembro de 2012, convidei o Dr. Fernando Bivar para proferir uma conferência intitulada “Oftalmologistas Portugueses no Mundo”.

Os Portugueses foram pioneiros da globalização nos séculos XV e XVI difundindo pelo mundo, em paralelo com o comércio marítimo, a cultura e a língua portuguesas. A língua portuguesa disseminou-se pelos vários continentes, tendo hoje a Lusofonia um importante papel mundial. Mas a própria língua foi mudando, absorvendo novos sons de paragens distantes, da Ásia à África e às Américas. Ganhou diferentes palavras e entoações.

Que cuidados oftalmológicos, nestas deambulações pelo mundo, ensinamos e aprendemos? Levámos os óculos ao Japão e que trouxemos? Que figuras se destacam?

A conferência do Fernando Bivar foi magnífica, muito bem documentada e com excelente iconografia, pontuada, aqui e ali, por notas de humor tão ao jeito do Fernando.

Dessa conferência e da investigação histórica que lhe é subjacente nasce esta obra.

Ultrapassa em muito a ideia inicial.

Recuamos ao Antigo Egipto e à influência árabe na medicina e nos conhecimentos das doenças dos olhos. Com humildade, olhamos para a história, para os séculos de erros e sucessos que nos trouxeram até aqui. Deliciamo-nos com a descrição de algumas



intervenções terapêuticas que hoje nos fazem sorrir.
Temos aqui um pouco da história da medicina portuguesa onde encontramos figuras como Pedro Hispano, mais tarde Papa João XXI, e o tratado de oftalmologia que nos deixou nomes como Plácido da Costa e Gama Pinto os quais ilustram bem a importância da abertura cultural e a forma como ensinaram e aprenderam em outras paragens.
Nem só de grandes figuras se faz a história. Às vezes a grande protagonista é a doença e as doenças dos olhos que condicionaram o resultado de batalhas e de campanhas militares.
O combate à cegueira e a criação de serviços de oftalmologia em países africanos é um traço da generosidade da oftalmologia portuguesa aqui revelado.
Este belo texto que, gostosamente, lemos sem pausa, mostra-nos como a oftalmologia portuguesa chegou ao patamar de excelência onde hoje está. Mas revela também como a abertura a novas ideias e a humildade de desejar aprender e melhorar são fundamentais em todas as áreas do saber.

Daniela Carmona





elrens

nehaj



Ao falar da história da Oftalmologia recuamos aos tempos antigos, mais propriamente ao Antigo Egipto a 1534 a.C. como testemunha o papiro de Ebers¹ encontrado no túmulo de Assasif situado frente à cidade de Luxor.

No início o papiro de Ebers foi conhecido por papiro de Smith, porém quando foi adquirido pelo alemão Georg Moritz Ebers, mudou de nome.

Este refere algumas patologias oculares e respectivas terapêuticas. A Medicina no Antigo Egipto era muito complexa, com um grande número de tratamentos médicos e cirúrgicos. Assim como uma relação importante com a religião e a magia.

Usavam frequentemente a malaquita (mineral) e o mel.

O Tracoma denominava-se «nehat». No tratamento deste utilizavam: bÍlis de tartaruga, láudano, acácia, alfarroba, granito moído, pintura negra nos olhos, ore, ocre vermelho e carbonato de sódio.

No Ocidente e principalmente na Península Ibérica os primeiros conhecimentos sobre as doenças dos olhos devem-se aos árabes mais propriamente às escolas de Andaluzia².

Albucassis (936-1013) foi o mestre mais notável da Espanha moura. Na sua obra “Al Tasrif “onde se encontra um tratado de cirurgia que foi o mais consultado no Ocidente, por conter o relato do que estava disperso nas obras árabes, que o antecederam e por ter lançado os fundamentos do novo ramo da medicina.

A técnica operatória já era muito adiantada.

Em 1159 “Congregatio sive de oculis quem compilavit Alcoatim filius Salomonis Christianus Toletanus” foi publicado em árabe e latim³. Os temas vão desde anatomia, patologias e terapêuticas, à cirurgia da catarata.

Quinta

Desta obra destaca-se “Quinta Maqāla” e é constituída por 4 partes:

1º Pós medicinais, colírios quentes e frios.

2º Colírios secos, quentes e frios.

3º Instilações, emplastos e unturas e toda a classe de colírios usados no tratamento das doenças dos olhos que sejam aplicados internamente ou externamente.

4º Medicamentos elaborados com substâncias animais, vegetais ou minerais.

161.—Para el tracoma y las liendres localizadas en la raíz de las pestañas: se coge cobre quemado y cañaheja en la cantidad de 4 dracmas de cada uno; goma arábica 2 dracmas; se machacan bien cuando se disuelvan, se deja secar la mezcla, se tritura y se aplica en colirio.

161 دوا ينفع للجرب والعثبان التي تكون في اصول الانتظار يؤخذ نحاس محرق
وسكبيج من كل واحد اربعة دراهم صنع عربي درهمان يسحق بالحل سحقا تاما

162.—Para el laucoma existen unos polvos medicinales beneficiosos compuestos de cardenillo, gomorresina amoníaca y cangrejos de mar quemados en la cantidad de 5 dracmas de cada uno.

162 ويجفف ثم تسحق ويكمل به صفة نرور ينفع من البهاض يؤخذ زنجار ووشق
وسرطان بحري محرق من كل واحد خمسة دراهم

178.—Descripción de un medicamento recomendado por los médicos de la India para agudizar la vista, preservarla en buen estado y fortalecer sus órganos, tónicas y humores,

178 ويعجن بحمل ويكمل به صفة دوا يستعمله اهل الهند يحد ابحارهم
ويحفظ صحتها ويقوى اعضاها وطبقاتها ورطوباتها



Oftalmologia



Alem dos árabes apareceram alguns judeus, rustici, cirurgiões oculistas e religiosos.²

Os cirurgiões habilitavam-se em Salerno ou na escola de Montpellier.

No século XIII (1205), nasce em Lisboa Pedro Julião mais conhecido por Petrus Hispano, filho do médico Julião Rebelo e de Teresa Gil.⁵

Acabados os estudos de letras humanas, saiu da sua pátria com ânimo de estudar ciências maiores. A sua inclinação o levou a Medicina. Escolheu a Universidade de Montpellier, em França....

O conhecimento médico antigo esteve sempre relacionado com as correntes filosófico-religiosas predominantes, no Ocidente medieval muito ligado ao Cristianismo. No início do período cristão foi influenciado pelos Padres da igreja (medicina patrística), posteriormente pela actividade dos monges (medicina monástica) e, à época de Pedro Julião (Fig.1), pela filosofia Escolástica.

Em 1245 obteve o Grau de Mestre em Filosofia e Medicina, após o que Pedro Julião viajou para o Sul de Itália, na busca do conhecimento da Medicina mais avançado da época, à data ensinado na Sicília e na Universidade de Salerno. Em Siena foi professor da Universidade de Medicina entre 1245 e 1250.²

Segundo Pedro Julião, a Medicina assentava em duas colunas: ratio et experimentum.

Entre os mais de 50 textos por ele publicados destacamos dois tratados de oftalmologia o “De Oculo” e o “Thesaurus Pauperum”.²

No “De Oculo” entre numerosos relatos refere que Miguel Ângelo, tendo adoecido gravemente dos olhos após o trabalho de pintura da Capela Sistina, encontrou alívio para o seu mal em receita de colírio por Pedro Julião, denominado “aquae mirabilis”.



Figura 1 - Papa João XXI



Hispano utilizava as claras e gemas de ovos, o leite de cadela ou de mulher, o queijo fresco, a aguardente, o vinho, e muitas plantas como a sanguinha, rosmaninho, mil folhas, betónica, arruda, lírio, rosas, funcho, sangue de drago, malvas, aipo, amêndoas, favas, pulmão de carneiro, cabra ou lebre, sangue de borrachos ou de enguias, fel de perdiz, galo ou de certos peixes e outros animais, cinzas de andorinhas ou de esterco humano ou de pombas, banhas de peixe fritas, tutia amassada com urina humana, urina com mel,... Recomenda como profilático das doenças de olhos trazer ao pescoço um saquinho com olhos de gralha, caranguejo ou lobo. À amaurose designavam “gutta serena”.

Segundo “O Thesaurus Pauperum” este utilizava nesta época a observação semiológica das doenças, a relação causa-efeito, e a comparação sistemática, precursoras do método científico actual. Foi médico do Papa Adriano V e do Papa Gregório X.

Em 1272 foi nomeado Arcebispo de Braga e no seguinte foi nomeado Cardeal de Tusculum. Em 20 de Setembro de 1276 foi nomeado Papa João XXI.

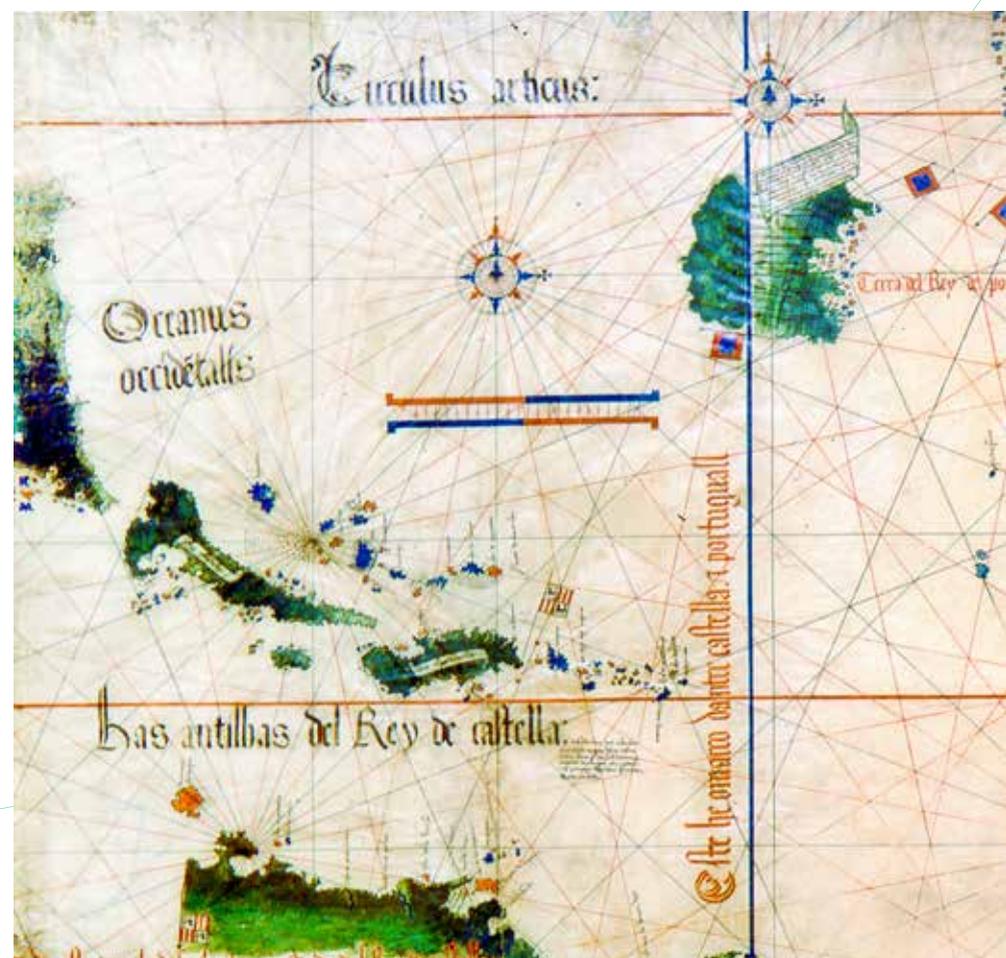
Em 1434 apareceu em Lisboa um judeu, Mestre Nacim² que operava as doenças de olhos, o que causou tal admiração, que o rei D. Duarte foi presenciar essa novidade e tão satisfeito ficou, que em benefício assinou uma carta dando-lhe muitos privilégios e prerrogativas, esta foi confirmada por D. Afonso V cinco anos depois.

Thesaur



No último quartel do século XV, aparece a obra doutro português que se ilustrou na clínica e no ensino, Valesco de Taranta,² o “Philonium”, célebre tratado de Medicina e Cirurgia.

“De suffusione” neste capítulo se trata da catarata para cuja operação o autor aconselha dieta, preparar o doente com purgas, clisteres e sangria e assegurar-se de que não haja tosse. Num dia claro, em que a lua esteja na quadratura fora do signo Áries, em que a conjunção e a oposição se faça por quinze graus, à hora da terça (reza que se fazia de manhã no coro dos conventos) isto é, às nove horas, posto o operador num degrau, um ajudante segurará com firmeza a cabeça do operando. Fecha-se o olho são com algodão e uma atadura e o operador colocado em um plano mais elevado, pode observar bem a região em que vai operar. Depois de fazer o sinal da cruz o cirurgião introduzirá a agulha pelo branco do olho dirigindo-a para o ângulo interno, evitando ferir as veias rubras da conjuntiva, e introduzi-la-á até ao lugar designado e a inclinará para a pupila na sua parte média e mesmo mais além, até a ver bem através da córnea e então com a sua ponta empurrará a catarata e levantado o instrumento, a trará para baixo, deixando-a entre as membranas ou túnicas do olho, repetindo esta operação até que a catarata fique abaixo da abertura da íris e aí se conserve durante o tempo em que se rezam cinco Ave-Marias. Evite-se ferir a íris e penetrar nos outros humores. Retirada a agulha, aplica-se sobre o olho a gema de ovo com óleo rosado. Conserve-se o olho são tapado, para que os movimentos não provoquem os da parte operada e o doente fique deitado às escuras.



China



Mare barbaricus:

Oceanus indicus meridionalis.

Circulus antarcticus:

Tropicus cancri.

Linba equinoctialis.

Oceanus orientalis.

Oceanus occidentalis.

Oceanus indicus meridionalis.



A China tem uma história de 5.000 anos de medicina tradicional⁶. Esta baseia-se nas cinco vísceras, em seis órgãos em movimento da energia vital e do sangue, as doenças dos olhos acreditava-se fazerem parte de manifestações sistémicas do organismo.

O tratado de Yin Ha Jing Wei consta de 2 volumes e descreve 81 doenças dos olhos. Foi escrito em 682 A.D. por Sun Si-miao da dinastia Tang.

Outro livro o Shen Shi Yao Han «Precioso livro de oftalmologia» constituído por 7 volumes com a referência a 108 doenças e seu tratamento, foi escrito em 1644 A.D. por Fu Yun-ke da dinastia Ming.

Estas duas obras resumem a medicina tradicional Chinesa compreendendo o tratamento das doenças dos olhos.

Durante séculos, na China, o tratamento das doenças dos olhos com acupunctura e a cirurgia da catarata eram ambas muito divulgadas e muito espalhadas.

No século XIV a divulgação do uso dos óculos com filtros solares na Ásia é atribuída por alguns autores a Genghis Khan ou aos navegadores portugueses.⁷

Como exemplos, temos alguns biombos que representam os navegadores portugueses em terras do Japão, com óculos de sol.

No século XVI é referido no Japão um padre (Fig. 2) da Companhia de Jesus, Luís de Almeida² célebre cirurgião que se notabilizou pela prática de oftalmologia.



Figura 2 - Luís de Almeida



No Ocidente, Amato Lusitano², com interesse e zelo, seguiu nos hospitais de Salamanca a clínica de patologia externa e intervenções cirúrgicas, realizou na sua prática e registou nos seus livros, inclui neles um caso de pterigion tratado com êxito numa rapariga pelo nitro e gema de ovo depois de purgar a doente. Nas suas célebres Centúrias revelou progresso evidente neste ramo da medicina relativamente aos seus antecessores.

Neste século outro médico que se notabilizou foi o doutor Rodrigues da Veiga, o grande Tomaz². No livro Prática Médica, no capítulo “De ophtalmia”, quase todo ocupado pelos conselhos higiênicos, em que se destacam as referências aos olhos escuros, à vantagem de não trazer o pescoço apertado, não usar os cabelos compridos, dormir muito, com a cabeça levantada e inclinada para o lado são, passar sem ceia ou fazê-la muito leve, imobilizar não só o olho doente, mas também o são e começar o tratamento pelas evacuações sanguíneas, sangrias geral ou parcial ventosas sarjadas, sanguessugas em volta dos olhos, na região temporal, atrás das orelhas, etc., seguido dos laxantes, etc.

A 20 de Janeiro de 1523, Maria Lopes,² que residia na corte e que o físico e cirurgião mor do reino, Dr. Mestre Gil achou «auta e suficiente para usar da dita doença dolhos» teve carta de D. João III, que lhe



noite

dava «lugar e licença que ela posa curar de toda doença dolhos e por ventosa por sedendo por todos nossos Reinos e senhorios».

A especialidade conservou-se na família, porque a sua filha Isabel Mendes, o mesmo monarca mandou passar carta, assinada em Almeirim a 27 de Dezembro de 1543.

No século XVI existiam em Faro 3 cirurgiões.⁸

Em 1584 António Baião especialista em oftalmologia do Hospital de Todos-os-Santos faz denúncias ao Santo Ofício, por sua vez foi denunciado a 19 de Setembro de 1597 por Gaspar Monteiro Rebelo, cirurgião catarateiro, natural do Peso, perto de Lamego, casado com Isabel da Silva, que viera para Lisboa e se hospedara em casa de João Fernandes de Lacerna, meirinho da Inquisição. Disse que aquele era cristão novo, morava nas casas do Hospital e por vezes dizia aos clientes: “...se vos eu faço o que Deus não faz”.

Em 1584 aparece em Lisboa Luís Teles² como catarateiro pago pelo hospital da Misericórdia. Em 1598 o vice-rei Marquez de Castelo Rodrigo, D. Cristóvão de Moura (ao serviço de Filipe I) pede a Luís Teles para o tratar e este abandonou o hospital da Misericórdia.

Nos escritos dos portugueses que no século XVI⁸ percorreram longas terras, encontram-se várias referências de doenças de olhos que observaram, ou durante as viagens por mar, ou nas costas

de África, Ásia e América. O depoimento mais interessante a tal respeito foi dado por fr. João dos Santos, da ordem dos pregadores, que no último quartel do século XVI e primeiro do seguinte tantos serviços prestou em Moçambique e noutras partes onde exerceu os seus apostólicos ministérios, vindo a morrer em Goa em 1622.

Dá-nos ele notícia da hemeralopia que grassava endemicamente na costa da África, no seu livro “Ethiopia Oriental e vária história de cousas notáveis do Oriente”, cuja primeira é de 1611, dizia assim:

«Outro género de doença há somente em Moçambique, que vem a muitas pessoas sem se saber de que procede, a qual é, privar da vista de noite, não somente de portugueses, mas também de cafres, sem lhe causar dor nem pena alguma, mais que a de não poderem ver de noite; e esta cegueira lhe começa desde que se põe o sol até que torne a nascer, no qual tempo nenhuma cousa vêem, ainda que faça muito grande luar e tão cegos ficam como se o fossem de nascença. Mas tanto que o sol nasce, logo tornam a ver muito bem e todo o dia vem, ainda que o sol ande encoberto.

Dizem alguns, que os fígados de cação assados nas brasas e comidos são remédio com que se tira este mal. Outros dizem que lavando os olhos com água dos bebedouros das pombas também saram.

Outros afirmam que todo o que tiver este mal, se se for de Moçambique para outra qualquer terra, também se lhe tirará e verá de noite como dantes».

Ethiopia Oriental

A nictalopia foi estudada pelo médico inglês Guilherme Heberden em 1767, estudo publicado nas Medical Transaction do ano seguinte. Século e meio antes, aquele religioso não só descrevia o síndrome, mas também mencionava a terapêutica conveniente e ainda o facto de a doença se curar pela simples mudança de habitat. Também é muito notável a informação, de que a endemia não atacava só europeus, mas também os indígenas. Não refere fr. João, que alguns dos seus companheiros missionários sofressem moléstia, o que bem se pode explicar pela diferença de alimentação que os pusesse ao abrigo da avitaminose, causa daquela perturbação visual.

No século XVII estabelece-se em Lisboa um médico beirão de vida aventurosa a mais não poder ser. Era o famoso Filipe Rodrigues Montalto⁸, natural de Castelo Branco, que se estabeleceu em Lisboa (morava no largo de S. Domingos, e fugindo à Inquisição foi para Itália, onde adquiriu grande nome, a ponto de ser convidado para ensinar nas universidades de Bolonha, Pádua, Pisa e Messina). Publicou um tratado de Anatomia e Fisiologia do aparelho visual: “Optica Intra Philosophiae, & Medicinae aream, de visu, de visus organo, et objecto theoriam accurate complectens”, Florença, 1606. O livro de Montalto foi desconhecido por muito tempo no nosso país, assim se explica que os que escreveram sobre o mesmo assunto em português se mostrassem tão ignorantes da anatomia

do olho e da fisiologia da visão.

Na Praxis Médica Admiranda de Zacuto⁸ destacamos: Amaurose ou gota serena curada com ervas.

Estrabismo num adolescente, que se curou depois dum Fontículo aberto na nuca.

No final do século XVII João Curvo Semêdo publica a Polyanthea Medicinal⁸.

Nesta época a catarata supõe porvir de humores maus, que ou se geram no olho, ou descem do cérebro, ou sobem do estômago.

Acreditava no bom efeito de pentear o doente de diante para trás durante meia hora cada dia, durante três meses, na instilação de remédios preparados com fel de víbora, galo, lebre ou cabra, o esterco do lagarto ou a enxúndia da lebre, beber vinho com bichos-de-conta e caldos de víboras.

As Termas de Monchique são referidas como tradição de as aproveitarem em lavagens nas doenças de olhos.⁸

D. José, que estimava muito o pintor Alexandre Guisti,⁹ quando este cegou, mandou-o para França com grandes recomendações,





para lhe tirarem as cataratas, o que se não pode conseguir.

Na segunda metade do século XVIII e primeira do seguinte, houve pelo menos sete clínicos, que se chamavam António José da Costa.⁹

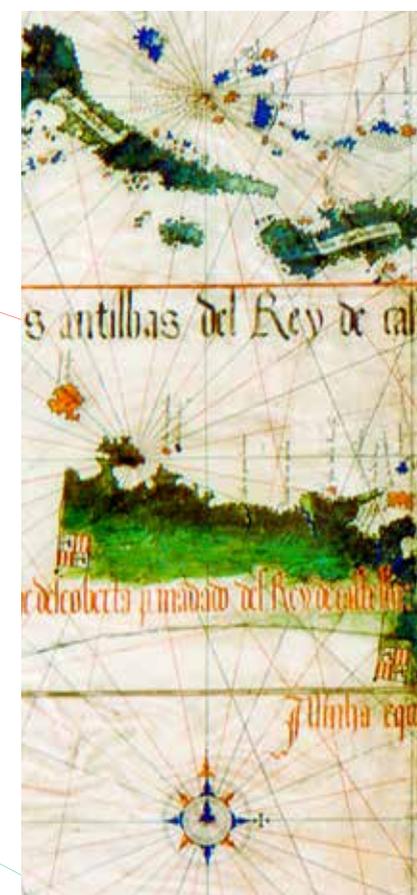
Em 1751 chegou a Lisboa um alemão David Philip Schwartz que foi o primeiro professor de oftalmologia, exerceu clínica durante 33 anos.⁹

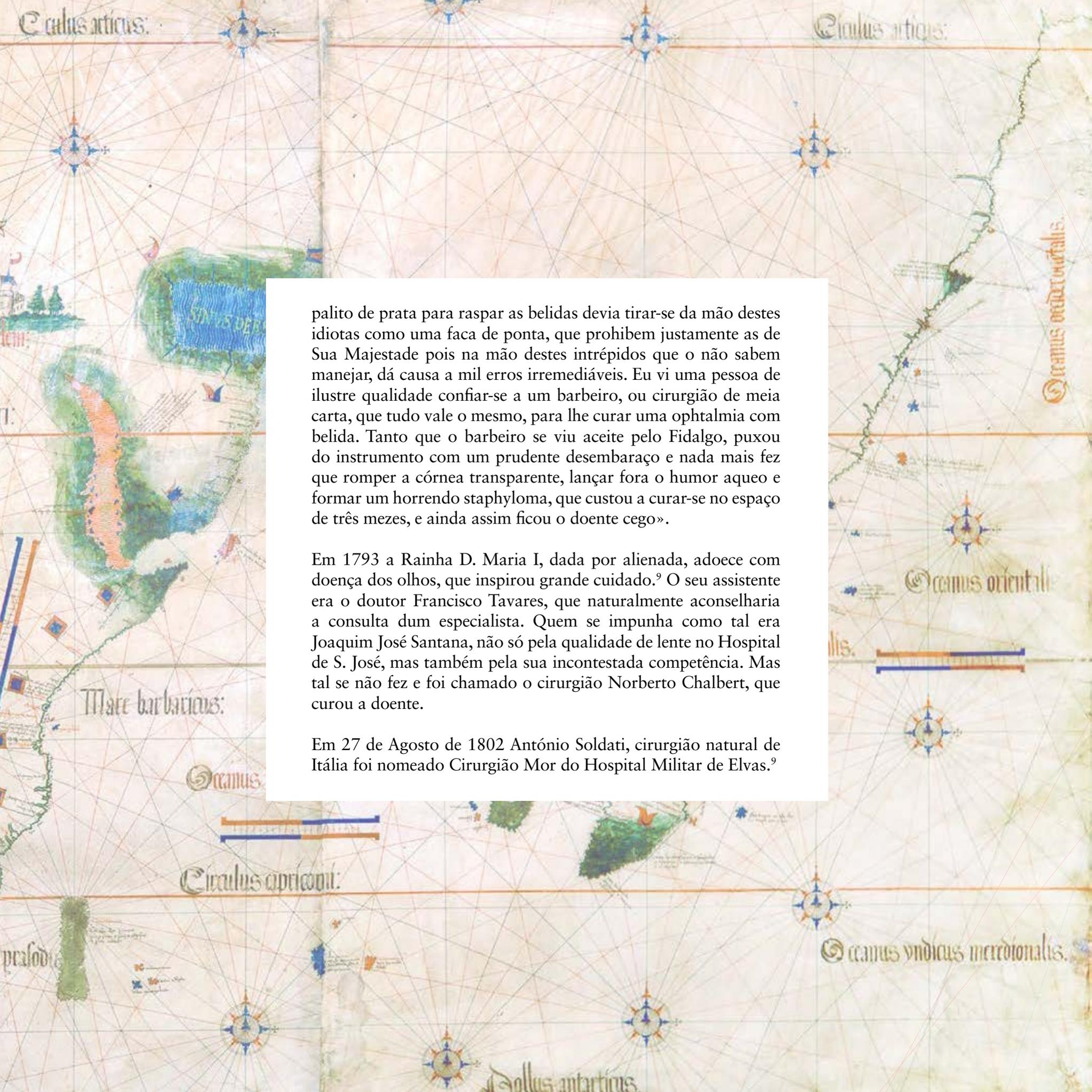
Segundo um atestado do Enfermeiro-Mor Machado de Mendonça: "Durante trinta e três anos que exerceu a oculística em Lisboa, nada nos deixou que revele os progressos, que a sua especialidade tinha feito".

Entre os vários remédios vendidos pelo boticário destaca-se o unguento verdadeiro do Doutor Presunto, que preparava também o unguento de enxúndia de galinha para os olhos.

Neste tempo apareceram em Lisboa vários estrangeiros com apelido Salaman.

Nesta época o médico José Manuel Chaves insurge-se contra os charlatões⁹: «Os barbeiros e curões applicam indifferentemente os remédios ...por isso também he que há tanta gente cega. O uso do





palito de prata para raspar as belidas devia tirar-se da mão destes idiotas como uma faca de ponta, que prohibem justamente as de Sua Majestade pois na mão destes intrépidos que o não sabem manejar, dá causa a mil erros irremediáveis. Eu vi uma pessoa de ilustre qualidade confiar-se a um barbeiro, ou cirurgião de meia carta, que tudo vale o mesmo, para lhe curar uma ophtalmia com belida. Tanto que o barbeiro se viu aceite pelo Fidalgo, puxou do instrumento com um prudente desembaraço e nada mais fez que romper a córnea transparente, lançar fora o humor aqueo e formar um horrendo staphyloma, que custou a curar-se no espaço de três mezes, e ainda assim ficou o doente cego».

Em 1793 a Rainha D. Maria I, dada por alienada, adoece com doença dos olhos, que inspirou grande cuidado.⁹ O seu assistente era o doutor Francisco Tavares, que naturalmente aconselharia a consulta dum especialista. Quem se impunha como tal era Joaquim José Santana, não só pela qualidade de lente no Hospital de S. José, mas também pela sua incontestada competência. Mas tal se não fez e foi chamado o cirurgião Norberto Chalbert, que curou a doente.

Em 27 de Agosto de 1802 António Soldati, cirurgião natural de Itália foi nomeado Cirurgião Mor do Hospital Militar de Elvas.⁹



Enquanto cá esteve Schwartz, tanto ele, como o oftalmologista francês, impediam pela sua concorrência que Joaquim José de Santana começasse a ser apreciado na clínica.

A 4 de Maio de 1789 os vencimentos de Santana foram elevados a 440 reis, equiparando-os aos que recebia Schwartz, com a condição de fazer o ensino sem exigir nenhuma paga dos alunos e de lhes comunicar a composição dos remédios que empregava. Apesar de ter publicado em 1783 «Elementos de Cirurgia Ocular» oferecido a D. João VI ainda Príncipe e em desacordo com algumas reivindicações reforma-se a 27 de Outubro de 1814.

Loureiro refere: «Santana era um talento vulgar, modesto, altivo e trabalhador incansável, mas dum trato pouco acessível, impróprio para se tornar o reformador de que tanto a ciência carecia».⁹

Outro célebre cirurgião foi António de Almeida na clínica hospitalar e civil, realçado pela publicação da sua obra em quatro volumes “Tratado Completo de Medicina Operatória”, oferecida a sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor - Lisboa, 1825.⁹

«Vê-se pois, que o século XVIII⁹ acabara no nosso país por forma tal, que se pode dizer, que os adiantamentos, que nele se tinham feito nas ciências médicas e que se conseguira trazer até

nós, eram principalmente os que diziam respeito à Cirurgia e de todas as especialidades clínicas era a oftalmologia a única, que se organizara no ensino e na prática e se podia considerar como digno reflexo do movimento do progresso havido nas nações mais adiantadas, o que fora exclusivamente feito em Lisboa e no seu hospital, fora de toda a influência universitária.

Os médicos portugueses tinham à sua disposição dois importantes tratados sobre oftalmologia e com a circunstância de os clínicos que a exerciam com competência terem sido educados no estrangeiro nas missões, que de Lisboa tinham sido ali enviadas.»

No século XIX o tracoma¹⁰ “constituía uma importante fonte de morbilidade e pauperismo do nosso país, “constitui um problema da maior importância militar, notável desde as campanhas do Egipto pela disseminação que delas resultou na Europa, valendo-lhe as designações históricas de Oftalmia do Exército, Oftalmia do Egipto ou Oftalmia Militar, ainda hoje citadas em todos os trabalhos que desta doença se ocupam.”

Conhecido entre os povos mediterrâneos, milénios antes da era cristã, o tracoma existia certamente em Portugal desde épocas muito remotas. Assim é lógico admitir num país com oito séculos de história, em que os fundadores combateram os árabes, conquistaram o Norte de África e forneceram largo contingente

às «Cruzadas» na propagação da fé cristã entre os povos infieis da África Mediterrânica, trouxessem em troca para a Europa, além de outras doenças, a oftalmia, largamente espalhada naquelas regiões. Esta opinião, em que não são unânimes os historiadores, parece-nos muito aceitável, embora se não conheçam surtos epidémicos definidos de oftalmia granulosa antes do século XIX, pela condensação endémica do tracoma no Algarve, província que, pela sua situação geográfica e tráfego comercial, mais contacto mantinha com a região de Marrocos.

Com Adams, Eschrich e outros, admitimos a origem moura, sem deixar de considerar a sobre-infecção possível trazida pelas tropas inglesas durante a Guerra Peninsular, embora sem lhe conferirmos uma importância fundamental. Quase meio século decorrido entre a entrada em Portugal destas tropas, certamente infectadas pela sua anterior permanência nas margens do Nilo, no Sul da Itália e noutras regiões onde o tracoma abundava, e as extensas manifestações da oftalmia no nosso Exército, tiram a este facto o aspecto de argumento irrefutável que então foi admitido, ao ponto de se classificar de «Oftalmia do Egipto» a forma epidémica da doença já anteriormente endémica em todo o sul da Europa.

Na realidade, a história do tracoma no Exército Português começa no segundo quartel do século XIX e mais concretamente, pelo estudo pormenorizado e metódico que dele foi feito, em 1849.

Antes desta data apenas se referem surtos epidémicos isolados de oftalmias purulentas em indivíduos aglomerados em determinados edifícios, cuja descrição incompleta não permite a sua classificação segura dentro do quadro do tracoma. Estão neste caso as epidemias da Casa Pia de Lisboa em 1834; em 1837 a oftalmia do 1.º Reg. de Inf.^a aquartelado na antiga morada dos órfãos da Casa Pia; uma outra oftalmia que afectou quase todos os soldados de uma companhia do 10.º R.I. aquartelado na Graça, em 1845, etc.; Anteriormente, em 1803, «um barco naufragado nas costas de Portugal trazendo a bordo prisioneiros de guerra atacados de oftalmia do Egipto que foram alojados no convento de S. Francisco, onde contagiaram frades e população», parece-nos ser a referência mais antiga da afecção. Todos estes factos porém, são citados sem descrição circunstanciada de sintomas e apresentados isoladamente. É possível que a identidade pretendida por Cunier entre a oftalmia Belga e a oftalmia da Casa Pia de Lisboa seja verdadeira; faltam-nos elementos para o considerar.

Em meados de 1849 o tracoma irrompe de forma epidémica grave, salpicando, quase ao mesmo tempo, todos os corpos da guarnição militar do País, embora em grau muito variável. Atinge o máximo em 1850, decrescendo progressivamente a partir desta data mas mantendo ainda alta intensidade durante os anos seguintes. Verdadeira epidemia militar, de gravidade notável, comporta, no





seu balanço geral, segundo dados colhidos nas publicações da época e em especial nas do cirurgião de brigada Dr. José Marques, donde extraímos quase todo este período da história do tracoma no Exército Português, mais de 10.000 afectados, 152 dos quais ficaram inutilizados para o serviço, passando por reforma ao «Corpo de Veteranos» e conotando-se 55 cegos dos dois olhos. Embora mostrem uma alta gravidade, estes números são favoráveis em relação aos de outros exércitos da Europa, onde a oftalmia fez os seus estragos.

A oftalmia granulosa iniciou-se em Agosto de 1849, simultaneamente na guarnição de Lisboa e no 3.º R.I. em Viana do Castelo, a 62 léguas distante, sem que qualquer agente de ligação pudesse ser invocado como transmissor da doença. Em Lisboa atinge o número máximo no Reg. de Granadeiros da Rainha, donde o nome de Oftalmia dos Granadeiros pelo qual a princípio a doença foi conhecida.

Em 16 de Novembro de 1849 o Conselho de Saúde do Exército Português pediu ao Director do Hospital Militar de Lisboa, Dr. A. J.M. Seixas, e ao cirurgião-mor do Reg. de Granadeiros, Dr. J.B. Moreira, uma informação detalhada de todas as circunstâncias da doença e enviou um relatório ao Ministério da Guerra, sobre as medidas a adoptar.

Por seu turno o Ministério da Guerra convidou uma comissão composta por médicos civis e militares, a informar das causas da



oftalmia do Reg. de Granadeiros da Rainha e a indicar os meios mais convenientes para a sua extinção, determinando também o tratamento mais vantajoso (relatório dos Drs. Beirão e Pulido).

A oftalmia deu lugar a uma série de estudos e discussões de diversos médicos e mais uma comissão, da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, foi convidada a ocupar-se do assunto, tendo ainda sido consultada a opinião do Dr. Florent Cunier, pelo Ministro de Portugal em Bruxelas, o Conde de Azinhaga. De todos estes trabalhos se originou uma longa discussão na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, largamente documentada nos respectivos boletins de 1850 a 1852, que suscitou o maior interesse entre médicos civis e militares.

O estudo completo da epidemia encontra-se nos trabalhos do Dr. José António Marques, Chefe do Departamento de Saúde do Ministério da Guerra,¹¹ que dele fez comunicação ao Congresso Oftalmológico de Bruxelas de 1857 e cujas considerações ainda hoje têm um elevado interesse e oportunidade. Em resumo diz o autor: «A oftalmia do Exército Português teve a sua origem numa constituição epidémica catarral que reinou em 1849, sobretudo em Lisboa e Viana do Castelo. As condições da constituição médica nesta última cidade, pelo menos segundo puderam

observar-se, eram muito semelhantes, pelos seus efeitos, às que foram reconhecidas em Lisboa. O maior número de doentes dos olhos começou a mostrar-se no 3.º Reg. Infª em Agosto de 1849. O vento norte que soprava todos os dias com violência em Viana do Castelo durante os meses de Julho e Agosto, foi seguido de chuvas muito abundantes até meados de Setembro, ficando a atmosfera muito húmida, com muita tendência ao desenvolvimento de inflamações nos olhos, mesmo entre a população civil.

Que esta causa foi secundada na sua acção pelas condições anti-higiénicas das casernas, predispondo os soldados a serem afectados. Que destas condições anti-higiénicas se pode considerar como a principal, a aglomeração nas casernas.

Que as mesmas condições concorrem para a manifestação da epidemia com caracteres mais graves, onde eram mais pronunciadas.

Que a doença, assim desenvolvida se estendeu com mais gravidade desde que a influência dessa constituição epidémica se poderia considerar como extinta, actuando então por contágio directo, para o que basta recordar que as mesmas camas serviam para diferentes soldados e que as toalhas de mãos eram comuns em muitas casernas».

A propósito das condições diferentes em que se encontravam antigamente os regimentos no final das campanhas Peninsulares, escreve ainda o Dr. J. Marques:

«Pelo sistema antigo de disseminação dos soldados, permitia-se-lhes

O Contágio



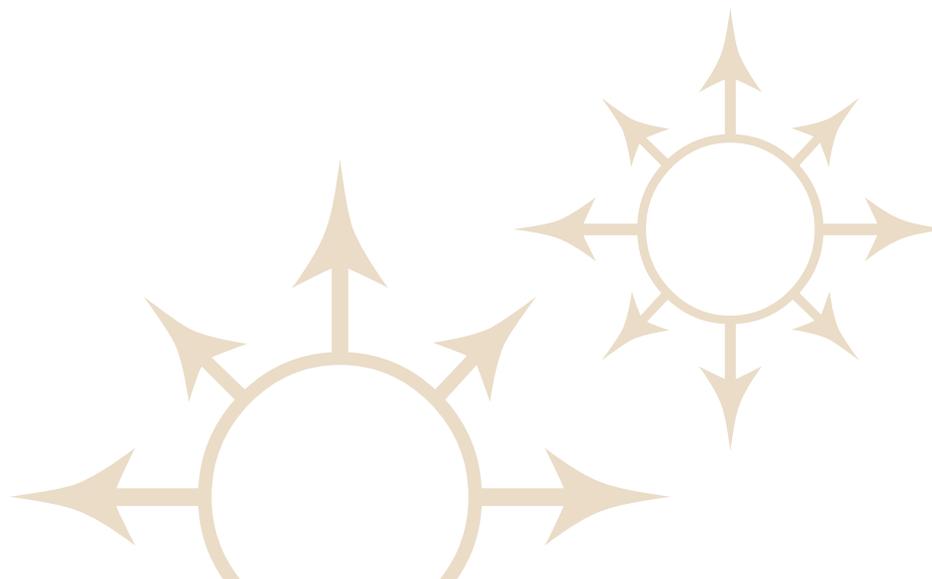
dormir fora das casernas; estas serviam regimentos de 1.500 homens. Pelos regulamentos disciplinares em vigor, estando todos os soldados nas casernas, não poderiam estas abrigar a metade destas forças! Eis talvez a razão pela qual, apesar da higiene menos severa desses tempos, as grandes aglomerações de homens eram muitas vezes poupadas pelas epidemias tão frequentes nos locais em que o ar viciado torna o homem fatal a si próprio».

Em 1857 realiza-se em Bruxelas o 1º Congresso Internacional de Oftalmologia. O seu presidente foi Salomon Louis Fallot.¹² (Fig. 3)

Em oftalmologia um encontro internacional era particularmente oportuno principalmente por duas circunstâncias que estavam atraindo a atenção dos oftalmologistas de muitos países. Em primeiro lugar, o Oftalmoscópio tinha sido apresentado à Sociedade de Física de Berlim por Helmholtz em 6 de Dezembro de 1850, possibilitando a exploração do olho interno pela primeira vez, em segundo lugar, as infecções oculares que muito preocupavam os oftalmologistas, como a “oftalmia militar”, o tracoma e as suas complicações bacterianas, vindas do Egipto. O Congresso foi um estrondoso sucesso; 150 delegados oriundos de 24 países e estados (todos da Europa excepto um de Caracas e um do Rio do Janeiro). Foram apresentadas 34 comunicações e os relatórios dos procedimentos foram publicados.



Figura 3 - Salomon Louis Fallot



Só em 1949 por despacho de S. Ex^a o Subsecretário de Estado da Assistência Social de 9 de Janeiro de 1949, foi Anastácio Gonçalves oficialmente encarregado da luta contra o Tracoma em Portugal.¹³

O Dr. José António Marques (Fig. 4) além de representar Portugal no 1º Congresso Internacional de Oftalmologia, em Bruxelas, a 18 de Setembro de 1857, representou também em 1862 no Congresso da Sociedade Universal.

A 11 de Fevereiro de 1865 funda a «Comissão Portuguesa de Socorros a Feridos e Doentes Militares em tempo de Guerra», que viria chamar-se Cruz Vermelha Portuguesa.

«Sabemos bem que a arte de curar as enfermidades oculares nem sempre foi um mytho, nem sempre jazeu em quasi ostracismo entre nós. Zacuto Lusitano, Ribeiro Sanches, Garcia de Orta e tantos outros cultivaram-na, se não com carácter de especialistas (o que não admira porque então, a bem dizer, não os havia em paiz algum) pelo menos como homens deveras votados ao estudo e prática das sciencias medicas e exercendo com todo o brilho a cirurgia, inclusive a ocular. Curvo Semedo (fins do século XVI) com o seu grosso volume «Polyanthéa medicinal» de que alguns capítulos tratam esmiuçadamente das affecções dos olhos; J.J. de Sant' Anna conseguindo do rei, após mil dificuldades vencidas,



Figura 4 - Dr. José António Marques

Tracoma



o estabelecimento de um curso de ophthalmologia no hospital de S. José, e escrevendo o seu excellent «Elementos de cirurgia ocular» (1793), e “o Tratado” dos olhos de Pedro Hispano proporcionalmente às épocas em que floresceram, prestaram sem dúvida alguma um subido serviço à sua pátria».

Em 1869 chega a Lisboa Pedro Adriano Van-der-Laan, oftalmologista holandês vindo de Utreque e discípulo de Donders ¹⁴.

Em 1874, Van-der-Laan, juntamente com Francisco Lourenço iniciou a publicação da revista científica de oftalmologia «Ophthalmologia Prática».¹⁵

Francisco Lourenço da Fonseca, de origem brasileira era filho do comendador Francisco Lourenço da Fonseca que emigrou para o Brasil. Este comerciante prestou relevantes serviços, pelo que o rei D. Luís I lhe concedeu a comenda da Ordem de Cristo. Como vereador da Câmara Municipal de Lisboa, deixou o seu nome vinculado a importantes melhoramentos nos jardins da Estrela e de S. Pedro de Alcântara, além de ter promovido a arborização de vários largos e praças. Foi da sua iniciativa, em 24 de Janeiro de 1876, a proposta de expropriação dos terrenos onde se rompeu a Avenida da Liberdade.

Francisco Lourenço da Fonseca Júnior (Fig. 5) veio para Portugal estudar, tendo inicialmente cursado Engenharia Civil e posteriormente passado para a Escola Médico – Cirúrgica de Lisboa, onde tirou o curso de Medicina. Formou-se em 1876 tendo defendido a tese «Atrofia do nervo óptico».

Desde sempre se dedicou às Belas Artes e à Literatura. Literatura que o levou a conhecer muito de perto Camilo Castelo Branco. Já médico e conhecedor de Oftalmologia foi um dos clínicos que observaram Camilo e mais um que confirmou ser a sua cegueira irreversível.

Camilo Castelo Branco sofria de neuropatia sifilítica.

Em Portugal, nos finais do século XIX, a Oftalmologia ainda não existia como especialidade médica:

Segundo José Emygdio da Conceição Flores em 1875:

«Todas as nações da Europa teem porfiado em produzir melhores especialistas e livros d’ophthalmologia, todas se teem empenhado n’este certame, só Portugal, adormecido á sombra de seus velhos loiros, parece viver inconsciente d’este movimento geral, e sem brios para melhorar o seu presente. A Allemanha, Hollanda, França, Inglaterra, Bélgica, e Itália, principalmente, possuem excelentes médicos oculistas e tratados indígenas. Portugal importa uns e outros, de modo que esta grande nação



Ophthalmologie



Figura 5 - Francisco Lourenço da Fonseca Júnior

d'outrora é para aquellas florescentes potencias de hoje um paiz a explorar em coisas d'ophthalmologia».

A «Ophthalmologia Prática» publicou-se em 1878, 1880 e 1881. No número de Novembro de 1878 relatava¹⁶:

«O governo que contemplatesse uma qualquer d'essas academias com um professor competente de ophthalmologia angariado no estrangeiro; que promovesse a criação de, pelo menos, um hospital para enfermidades dos olhos;... esse governo conquistaria os unanimes aplausos da nação e inscrever-se-ia em letras de ouro na lista dos benfeitores da humanidade.

Heidelberg, Junho 1878 F. L. da Fonseca Júnior

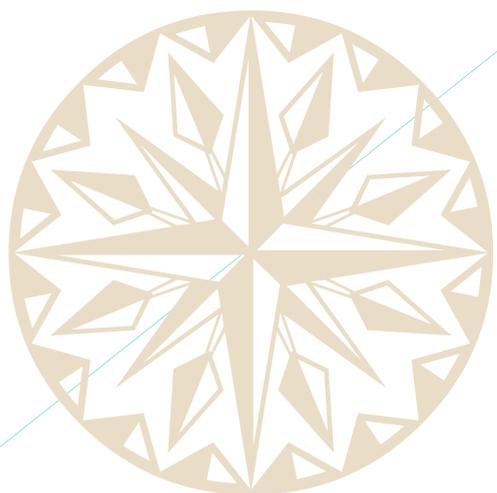
Gama Pinto nasce em Goa (Saligão a 30 de Abril de 1853¹⁷). (Fig. 6) Iniciou os estudos no liceu de Nova-Goa e conclui-os em Coimbra e Porto.

Matriculou-se na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa e defendeu tese em Abril de 1887.

Passou 6 meses em Paris e outros 6 meses em Viena de Áustria a estudar oftalmologia.

Em 1879 foi para Heidelberg, onde se fixa e dedica-se à oftalmologia e em especial à Anatomia Patológica.

Em 1880 continua em Heidelberg – foi nomeado Assistente da



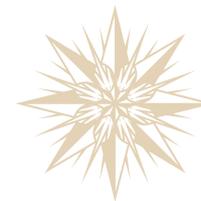


Figura 6 - Casa do Dr. Gama Pinto em Saligão

cadeira de Oftalmologia.

Em 1881 foi incumbido, por decisão do Concelho da Faculdade de Heidelberg, de reger cursos de oftalmologia e de cirurgia ocular. Em 1885 entra, após provas públicas, para o corpo docente da Faculdade onde esteve até 1889.

Em 1880, F. Lourenço da Fonseca Júnior separa-se de Van-der-Laan, estabelece clínica privada no Largo do Chiado e inicia a publicação independente de oftalmologia «Archivo ophthalmotherapico de Lisboa», sendo o seu último número de 1887.

Segundo Francisco Lourenço da Fonseca¹⁸: «O despontar da ophthalmologia em Portugal, para não dizermos antes da sua renascença (não atirando assim para o limbo de um esquecimento imerecido os serviços de J.J.de Sant' Anna) representa-o a publicação de seis teses, algumas monografias e dois periódicos que vieram a público sobre essa especialidade médica de 1875 a 1881:

1. **Anomalias de refração. Myopia.** These inaugural defendida na Escola Medica de Lisboa, por J.E. da Conceição Flores, Lisboa 1875.
2. **Conjunctivite diphtherica.** Defendida por A. do Carmo Borges, Lisboa 1876.
3. **Parasitismo ocular.** Defendida por Alfredo de Sousa, Lisboa 1877.

4. **Ophthalmia Sympathica**, defendida por Vicente Vieira Galvão. Lisboa 1876.

5. **Atrophia do nervo óptico**. (Estudo clínico), defendida por F. L. Fonseca Júnior, Lisboa 1876.

6. **Glaucoma, seu tratamento**. Dissertação de concurso para um dos lugares vagos da secção cirúrgica da Escola Medica de Lisboa, por Gregório Fernandes, Lisboa 1878.”

Em 1883, António Plácido da Costa (Fig. 7) ocupa o lugar de assistente de Van-der-Laan.

Vários foram os contributos de Plácido da Costa para a oftalmologia. De entre eles destacamos o «Disco de Plácido», instrumento para detectar o astigmatismo da córnea. Este instrumento foi adoptado para representar o Ex-Líbris da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia.

Em 1885 chega a Lisboa o Dr. Gama Pinto vindo de Heidelberg onde leccionara oftalmologia e fora discípulo de Otto Becker (eminente oftalmologista alemão).

Em 8 de Agosto de 1889 é proposta por decreto lei que fosse estabelecido em Lisboa um curso «theorico e pratico de pathologia e clinica ophthalmologica»¹⁹. O Instituto de Oftalmologia de



Figura 7 - Dr. António Plácido da Costa



Disco de



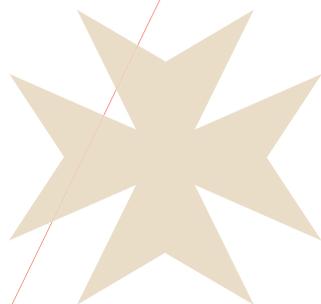
Figura 8 - Primeira localização do Instituto de Oftalmologia de Lisboa

Lisboa ocupa inicialmente, durante 3 anos, um edifício ao Campo Mártires da Pátria - Campo Sant' Ana, nº 151, (Fig. 8), actual nº93, edifício do 1º Visconde da Azarujinha.

«Caetano Antonio Claudio Julio Raymundo da Gama Pinto, medico-cirurgião pela Escola de Lisboa e professor d'ophtalmologia na Universidade de Heidelberg- nomeado, por decreto de 31 d'outubro, para logar de director-professor do curso theorico e prático de pathologia e clinica ophtalmologica, creado por decreto de 8 d'agosto ultimo»

Na Legislação Portuguêsa de 1889:

Segundo o Luciano de Castro chama a atenção do Rei D. Carlos: «A utilidade de se estabelecer na cidade de Lisboa um curso theorico e pratico de pathologia e clinica ophtalmologica é tão evidente, que não carece de largas considerações para a justificar. Acha-se na capital um nosso compatriota de reconhecida e notória reputação, que occupa um lugar distinto entre os mais acreditados especialistas da oculistica, e exerce dignamente o magistério n'uma universidade da Allemanha, o Dr. Gama Pinto. (Fig. 9) Sendo lhe confiado desde já, para que não se veja na necessidade de voltar ao exercicio do seu emprego no estrangeiro, a direcção do curso theorico e pratico da clínica ophtalmologica, far-se-ha uma excelente aquisição, com que muito lucrara o paiz e a sciencia.»



Dr. Gama Pinto além de leccionar em Heidelberg notabilizou-se pelos trabalhos científicos sobre glaucoma e tumores oculares.

Em 8 de Agosto de 1889 é criado o Instituto Oftalmologia de Lisboa Em Portugal, o primeiro curso de oftalmologia realizou-se nos anos 1890-1891 e nele participaram 23 alunos: Jayme Ernesto Salazar de Sousa, Luís Tedeshi Corrêa Neves, José Gomes Resende Júnior, Joaquim Raymundo da Fonseca, José Maria Marreiros, Manoel da Costa Rocha, João Luiz da Fonseca, Affonso de Mendes Cid, Joaquim Luiz Martins, Alexandre Luiz Pamplona Ramos, Annibal de Bettencourt, José Justino de Carvalho, Manoel Victorino de Bettencourt Jr., Francisco Justiniano Lopes, Eduino Rocha, António Amor de Mello, João Silvestre d'Almeida, Joaquim António de Sousa e Silva, Manoel Nunes d' Oliveira, Domingues Hygino da Ponte e Sousa, Augusto Cândido Leite Lobo Alves, Frederico Lopes da Silva, António Caldeira Fernandes.

Francisco Lourenço Júnior abandona Portugal²⁰, partindo para o Brasil em 1893.

Arquivos de História da Medicina Portuguesa
Nova Série – 12º ANO 1921



Figura 9 - Dr. Gama Pinto



(Camilo e os médicos)

«...Francisco Lourenço da Fonseca Júnior desgostoso com a criação do Instituto Oftalmológico de Lisboa, abandonou o nosso país e percorreu o Brasil, onde fundou com o Dr. Moura Brasil a Revista Brasileira de Oftalmologia»

No Brasil publica em 1893 «De alguns specimens da flora brasileira que no Brazil tem aplicação no tratamento das enfermidades dos olhos, Parahyba.»

Na literatura foram várias as publicações: No Douro e Tejo, Goivos d'Aldeia, e Azul e Negro; Romances: Na rede, Lendas do Universo, Entre Saudade e Un printemps; prosas e versos; 1818, Memórias de meu pae; N'um vôo de andorinha, narrativas de viagem; Sangue, poema; Excerptos da carteira de um viajante. Inéditos: De pólo a pólo, narrativas de viagem; Últimos cantares, poesias; Annita, poemas 3ª edição; Sangue, poesia, 3ª edição, e No Amazonas, folhetins de viagem (O Século 8 de Outubro de 1893).

Em 1894 o Instituto transfere-se para o Palácio dos Condes de Penamacor na Travessa Larga nº2.

Já em épocas remotas houve médicos militares²¹ que com distinção cultivaram a oftalmologia. Entre outros, o Dr. J. Santana que em

1793 publicou «Elementos de Cirurgia ocular», o Dr. José António Marques e o Dr. C. Moniz Tavares que tinha o apoio do Dr. Lourenço da Fonseca.

O Dr. Mário Moutinho nasceu a 28 de Maio de 1877, fez o seu curso na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. Defendeu tese em 1902 com «Corpos estranhos em oftalmologia». Desde muito cedo interessou-se pela oftalmologia tendo como mestres Dr. Higinio de Sousa e Lourenço da Fonseca. Frequentou o Curso do Prof. Gama Pinto. Por concurso ingressou no Quadro Permanente dos Médicos do Exército.

Em 1905 organizou um pequeno serviço de oftalmologia no Hospital da Estrela. A 3 de Março de 1909 na O. E. nº3, Iª série, de 3 de Março de 1909 «criando oficialmente o Gabinete de Oftalmologia do Hospital Militar da Estrela e nomeando para o dirigir o tenente-médico Mário Moutinho». (Fig. 10)

Em 1917 fez parte do Corpo Expedicionário Português em França, durante a Grande Guerra, onde desempenhou o cargo de Chefe dos Serviços de Oftalmologia, retomando em 1918 o lugar de Director da Clínica Oftalmológica do Hospital Militar Principal de Lisboa que exerceu, data em que passou a subdirector e depois a Director do mesmo Hospital.

Forçado por essa ascensão a abandonar a Clínica Oftalmológica

Militar, criou uma nova Clínica para pobres no Asilo-Escola de Cegos António Feliciano Castilho «Fundação Oftalmológica A.F. de Castilho» que manteve até 1945.

Entre os vários médicos oftalmologistas militares há que destacar:

- O Tenente Coronel Médico João Pedro Medeiros de Almeida (1884-1943). Foi 1º Assistente do Prof. Borges de Sousa, Director do Instituto de Oftalmologia de Lisboa.
- Capitão Médico Augusto Lopes de Andrade (1896-1972). Foi Director do Instituto de Oftalmologia.

Por decreto com força de lei de 6 de Abril de 1911, o Instituto de Oftalmologia de Lisboa e o Instituto Central de Higiene foram anexados pedagogicamente à Faculdade de Medicina de Lisboa.

Em 1912, especializa-se em oftalmologia António Anastácio Gonçalves (Fig. 11)²², que, além de médico oftalmologista se notabiliza pela sua paixão pela Arte, tendo legado à cidade de Lisboa a «Casa Museu Anastácio Gonçalves».

Em Moçambique²³, segue-se o sistema da época usado por alguns países: a consulta de «nariz, ouvidos, garganta e olhos» (otorrinolaringologia e oftalmologia). Nasce assim em Lourenço



Figura 10 - Tenente-médico Mário Moutinho

Instituto Oftalmologia



Marques, a Consulta Externa do Hospital Central Miguel Bombarda em 1915, sendo seu iniciador o Dr. Firmino Sant' Ana, médico inteligente e muito estudioso.

Em 1921 a Oftalmologia é exercida pelo Dr. Máximo Prates até 1931.

O Dr. João Baptista de Sousa Lobo, (Fig. 12) em 1937 é considerado um dos mais empreendedores oftalmologistas na luta contra a cegueira da sua época em África, inclusive contra a oncocercose. Quando do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia o Prof. Lopes de Andrade²⁴ faz uma descrição pormenorizada do apoio dado pelo Dr. Sousa Lobo.

É particularmente curiosa a descrição da dança do povo Chope em que o músico que acompanha as bailarinas tem de ser cego.

«O batuque de Zavala, para a minha sensibilidade de africanista incipiente, deveria ter começado ao cair da tarde e continuar ao crepúsculo, até ver nascer a lua se fosse tempo dela.

Sentiria, penso eu, melhor, a poesia das canções chopes, porque à hora do meio-dia, com o Sol a pino, a luz é demasiadamente violenta e crua para sonhar e sem sonho não há poesia, fica apenas o pitoresco. Algumas destas danças do povo Chope são ricas de pormenores e subtilezas descritivas, como por exemplo a curiosíssima dança «a morte dos passarinhos» que, disseram-me, é tradicional entre

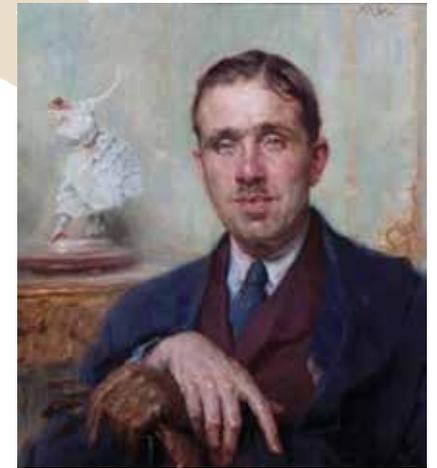


Figura 11 - António Anastácio Gonçalves



Figura 12 - Dr. João Sousa Lobo (Hospital Miguel Bombarda Lourenço Marques)

os Chopes ser executada por raparigas púberes e desnudadas, em noites de luar, acompanhadas por um único músico que, porque o pudor assim o exige, tem de ser cego. Vimo-la dançada por um grupo de elegantes raparigas muito jovens, vestidas com saias bem rodadas feitas de sobreposição de numerosas fibras vegetais, semelhantes às da palhoça usada pelos pastores da nossa Serra da Estrela».

Em Angola destacamos os Drs. Lavrador Ribeiro, Serrão de Moura e Jorge Dario Santos Lapa (1923-2003) (Fig. 13) que também foi oftalmologista do Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto.

Outro médico oftalmologista português a não esquecer, como grande obreiro desde sempre na luta contra a cegueira em África, é o Professor Luís Nuno Ferraz de Oliveira.

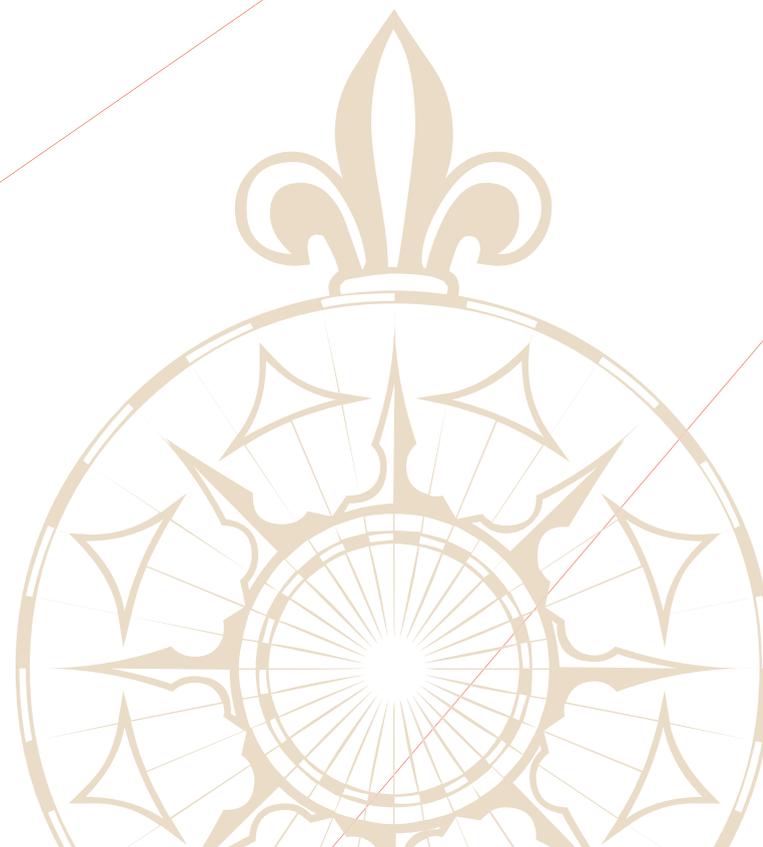
Em 1929 o «Instituto de Oftalmologia de Lisboa» passa-se a denominar «Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto». (Decreto de 28 de Maio de 1929)

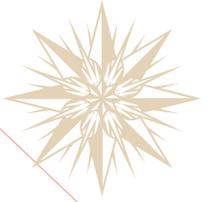
Em 1987 o Instituto Dr. Gama Pinto passa para a tutela do Ministério da Saúde.

A 27 de Outubro de 2009 é constituída por escritura pública a



Figura 13 - Dr. Jorge Dario Santos Lapa





“Associação dos Amigos do Instituto Gama Pinto”.

A 24 de Janeiro de 2012 o IOGP passa a integrar o **Centro Oftalmológico de Lisboa**.

Directores do Instituto de Oftalmologia:

Caetano António Cláudio Júlio Raimundo da **Gama Pinto** (n. 30-4-1853 – 1945): 8 de Agosto de 1889-8 de Março de 1929 (Prof.)

Alberto **Borges Sousa** (n. 1875-1941): 1 de Setembro de 1932 – 1941 (Prof.)

Augusto **Lopes de Andrade** (n 1896-1972): Janeiro de 1943 – 1972(Prof.)

Pedro Manuel Urbano de **Almeida Lima** (n.1903 – 1985): 1969 (Prof.)

João Manuel Ruas **Ribeiro da Silva**: (n.1929) :18 -2 – 1974 – Março de 1999 (Prof.)

Paulo Mossulinee **Sousa Ramalho** (n. 1928 – 2009): 19-7-1999 – 10-4-2003 (Prof.)

António Joaquim **Castanheira Dinis** (n. 1944): 10-4-2003 – 15-5-2010 (Prof.)

Maria Luísa **Coutinho Santos** (n.1953): 17-5- 2010



Figura 14 - Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto

Directores

Considerações Finais

Os meus agradecimentos à Dr. Alice Rhodes Baião em ter ajudado na pesquisa bibliográfica, que veio a completar os meus elementos já disponíveis.

Os elementos em meu poder vieram parar à minha mão, como obra do acaso e são reveladores de um passado histórico muito rico sobre a História da Oftalmologia Portuguesa.

Como exemplos relato:

- «Leaders In Ophthalmology In Ásia» oferta do Professor Doutor João Manuel Ribeiro da Silva, quando do XXVI Congresso Mundial de Oftalmologia em Singapura em 1990.

- «Arquivos da Clínica Oftalmológica do Hospital Militar Principal» oferecido por um amigo (Coronel António Pereira da Costa - Director da Biblioteca do Exército 2005-2011) que disse poder ter algum interesse para mim. Só quando me foi proposto este tema da retrospectiva da História da Oftalmologia Portuguesa pela Presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia Dr^a Manuela Carmona, é que tive a noção da importância no historial da Oftalmologia Militar.

- La «Quinta Maçã» oferta do companheiro dos Lions Club João Azevedo e Silva como obra espanhola que tinha lá em casa, e que podia ter algum interesse.

- Uma publicação comemorativa do “Centenário do Falecimento do Dr. José António Marques” oferta de uma doente. Documento

revelador dum médico cirurgião que representou a oftalmologia Portuguesa em vários congressos internacionais de Oftalmologia. Médico este que também foi o fundador da Cruz Vermelha Portuguesa.

Como exemplo de médicos que dedicaram a sua vida à oftalmologia Portuguesa sem nunca a ter exercido como especialidade, além do Dr. José António Marques há que referir o Prof. Augusto da Silva Carvalho (fig. 15) que publicou nos primeiros tomos dos Boletins da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia uma História pormenorizada e fantástica da nossa Oftalmologia.

Termino esta singela resenha histórica com a minha Homenagem a Joaquim Félix Alfredo de Sousa, que descobri nas minhas investigações, ser meu bisavô pelo lado materno.

Autor da compilação de 70 volumes bem catalogados sobre notícias de Medicina Portuguesa finais do século XIX e princípios do século XX e fazendo parte do espólio da biblioteca do Hospital de S. José.

Joaquim Félix Alfredo de Sousa (Fig. 16) é um dos médicos que Lourenço da Fonseca aponta em 1881 como um dos seis médicos responsáveis pelo despontar da “Ophthalmologia em Portugal”. Todos defenderam teses dedicadas à Oftalmologia.





Figura 15 - Augusto da Silva Carvalho



Figura 16 - Joaquim Félix Alfredo de Sousa -
foto de 1934

A sua tese foi «Parasitismo Ocular».

No periódico de “Ophthalmologia Pratica” editado por Dr. Vander-Laen e F. L. da Fonseca Júnior, médicos oculistas, em Lisboa número 2 Março 1878, Lourenço da Fonseca refere:

“Do parasitismo ocular - These inaugural defendida perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, por Joaquim Félix Alfredo de Sousa, Lisboa, Julho de 1877.

Divide o sr. Sousa a sua dissertação naturalmente em duas partes com epigraphes: parasitas animaes e parasitas vegetaes.

Na primeira vota capítulos especiaes ao Cysticerco, ao Echinococo, á Filaria, aos géneros Distoma e Monostoma e finalmente á Mosca da carne e Pediculi púbis.

Na segunda (que bem merecia ser mais amplamente desenvolvida) occupa-se do Leptotimus da camara anterior e do Leptotrix dos ductos lacrimaes.

A proposito do Cysticerco apresenta o sr. Sousa a descrição dos três únicos casos, até á data da impressão da these, vistos em Portugal, dois dos quaes tivemos ensejo de estudar miudamente, e cuja importante observação se deve ao nosso collega o dr. Van der Laen.

Quando se occupa da Filaria da conjuntiva, graças ás investigações n’ esse sentido feitas pelo professor da Escola Medica de Lisboa, o Sr. J. J. da Silva Amado, que de há muito se dedica a esse género de estudos, refere-nos o sr. Alfredo de Sousa o seguinte:

A filaria sub-conjuntival é conhecida, segundo Guyon, desde os últimos annos do século XVI. O distinto professor Silva Amado,

procurando saber quem descobrira este parasita, diz no seu excellente livro intitulado “As formações e transformações dos animaes” que parece fora de duvida ter sido o nosso conterrâneo Duarte Lopes, natural de Benavente, partido para Loanda em 1578, segundo refere Barboza na sua Bibliotheca Luzitana; entretanto não se lhe póde reivindicar esta honra por não apparecerem os documentos indispensáveis citados por Guyon.»

“Não podemos deixar sem reparo o modo incompleto com que está tratado o diagnostico differencial. Com os conhecimentos a tal respeito fornecidos pela leitura da these, alguns casos diagnosticáveis de cysticerco intra-ocular passarão de certo desaperecidos.

Para nós o merecimento principal da these do sr. Alfredo de Sousa está consubstanciado nos seguintes períodos do prefacio:

Consultámos o maior número de ophthalmologistas que podemos, e dentro em pouco vimos que mesmo os mais novos, os mais recentes, são n’ esta parte da oculistica extremamente concisos e nimiamente deficientes-uns resumem a questão em definhado numero de linhas, outros limitam-se a referir apenas alguns casos seus e alheios, e outros, mais lacónicos ainda, nada dizem a tal respeito.

Julgámos então não seria sem interesse reunir os factos conhecidos, publicados e dispersos, grupál-os tão bem quanto soubéssemos, analysal-os e critical-os tanto quanto podessem as nossas débeis forças e o limitadíssimo tempo de que dispúnhamos.»

Bem fez o sr. Sousa, porquanto o seu trabalho vem encher na



medicina portuguesa a lacuna que em França preencheu o de Jules Lemoine.

Com a diferença porém, que o do sr. Sousa sem ser tão sobrecarregado de casos clínicos, por via de regra monotonos para se lerem, é mais completo que o do medico francez.”

L.F.

Joaquim Félix Alfredo de Sousa (1851-1934)

Maria Luísa de Sousa Villarinho Pereira *

Joaquim Félix Alfredo de Sousa, nascido na capital lisboeta, em 21.11.1851, era filho de Urbano Joaquim de Sousa e Maria Libânia Antunes de Sousa, vindo a concluir o curso de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1877, com a Tese *Do parasitismo ocular*. (Fig. 17)

Dois anos mais tarde foi convidado a integrar o Instituto Vaccinico Campos e Bourquim, fundado em 04.04.1869, no 2.º andar do n.º 100, na Rua do Crucifixo, em Lisboa, por cima do Hospital de Nossa Senhora da Victória, que então ocupava o primeiro piso. Na sequência do Decreto de 03.12.1868, que extinguiu o Conselho de Saúde Pública do Reino e, conseqüentemente, o anexo Instituto Vaccinico, os antigos subdelegados, Luiz César Bourquim (1812-



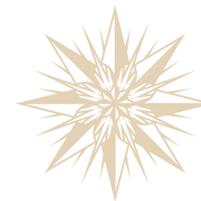
Figura 17 - Joaquim Félix Alfredo de Sousa (1851-1934)



1879) e Alexandre José da Silva Campos (1816-1900), até então responsáveis pela vacinação oficial contra a varíola, fundaram nova Instituição. No edifício do antigo Hospital que sofrera derrocada com o terramoto de 1755 e fora reconstruído na mesma esquina, perto da Igreja da citada invocação, Joaquim Félix Alfredo de Sousa viria aplicar mais de 40.000 vacinas, enquanto médico do referido Instituto, de que veio a ser proprietário após a morte do colega Silva Campos. (Fig.18)

Foi também clínico efectivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e prestou assistência no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, bem como no Recolhimento do Calvário. A sua grande dedicação à História da Medicina, levou-o a coleccionar recortes de Imprensa, no período de 1878-1934, organizando volumosa colectânea de notícias, Episódios da Vida Médica, em 70 Volumes, com um índice temático relativo aos primeiros 60 tomos, num total de mais de 10.000 páginas. Tendo perdido a visão nos últimos anos da sua vida, Joaquim Félix Alfredo de Sousa teve a colaboração de sua mulher que manuscreeveu o índice, localizando por ordem alfabética Médicos, Médicas, Médicos Estrangeiros, Hospitais, Sanatórios, etc., sem esquecer as Festas dos Estudantes, com notícia, catálogos e fotografias originais, oferecidas por José Vieira da Silva Guimarães (1864-1936) e Francisco dos Santos Rompana (1868-1957), bem como





a partitura do Hymno Académico, da autoria de Illydio Amado (1876-1906). Esta exemplar colectânea, doada pelos descendentes do autor à Biblioteca do Hospital de São José, encontra-se hoje disponível para consulta pública.

Com antigos laços aos Bivar Weinholtz - Sanches de Brito, que construíram a Quinta da Ribeira, em Caparide, ainda na Linha de Cascais, Alfredo de Sousa deixou memória mais recente, em Linda-a-Velha no Concelho de Oeiras: o Chalet Maria Alice, casa de veraneio familiar, e o Solar dos Pinheiros, com vista panorâmica sobre o Vale do Jamor. Esta vivenda de dois pisos, mais tarde designado por Chalet Liz, na actual Rua Fontes Pereira de Melo n.º 25, tinha na fachada as datas de 1898 e 1998 e veio a ser demolida já no século XXI. Joaquim Félix Alfredo de Sousa foi activo dinamizador da Cultura, tendo integrado nesta localidade a Companhia de Teatro, sendo ainda recordado num poema que lhe foi dedicado pelo Coronel Alberto Machado Cardoso dos Santos, recordando a antiga lenda de Linda-a-Velha. Era residente em Lisboa, na Calçada de Santos, n.º 37, onde veio a falecer em 1934. Entre os seus descendentes, que seguiram a carreira Médica, o Dr. Fernando de Sousa Bivar Weinholtz, dedica-se actualmente à especialidade de Oftalmologia, no Instituto Gama Pinto.

* Secção de História da Medicina
da Sociedade de Geografia de Lisboa



Figura 18 - Sala de vacinação (O Occidente , n.º 532, p. 220, 01.10.1893)

Alfredo de Sousa

21

COLLECCÃO OFFICIAL

DE

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

—
ANNO DE 1889



LISBOA
IMPRESA NACIONAL

1889

Attendendo ao que me representou a camara municipal do concelho de Cintra, districto de Lisboa, e havendo-se aberto o inquerito e instaurado o processo indicados no decreto de 3 de novembro de 1882: hei por bem, conformando-me com o parecer da junta consultiva das obras publicas e minas, determinar que no numero das estradas municipaes de 2.ª classe do districto referido seja incluída a estrada seguinte: Avenida do conde de Pombeiro, rua Fria.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, e o ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 8 de agosto de 1889. — Ret. — José Luciano de Castro — Eduardo José Coelho.

D. do G. n.º 150, de 13 de agosto.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO
DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUCCÃO PUBLICA
PRIMEIRA REPARTIÇÃO

Senhor. — A utilidade de se estabelecer na cidade de Lisboa um curso theorico e pratico de pathologia e clinica ophthalmologica é tão evidente, que não carece de largas considerações para a justificar.

Entre as variadissimas molestias a que infelizmente está sujeita a humanidade, as dos olhos merecem particular attenção e um lugar reservado nas clinicas hospitalares, não só pela importancia do orgão que affectam, como tambem pela complicação e variedade de causas que as determinam. É por isso que nas nações civilizadas, onde maior progressos tem feito a cirurgia, o estudo e tratamento d'estas doencas constituem hoje uma especialidade, que muito convenie introduzir e desenvolver no nosso paiz, em que escasseiam facultativos e operadores com os conhecimentos e pratica necessarios para tão difficil ramo da sciencia.

Acresee que presentemente se offerece uma circumstancia, que muito importa aproveitar para, sem demora e com seguro proveito dos estudiosos e allivio dos enfermos, se fundar a instituição de que se trata. Acha-se na capital um nosso compatriota de reconhecida competencia e notoria reputação, que occupa um lugar distincto entre os mais acreditados especialistas da oculistica, e exerce dignamente o magisterio n'uma universidade da Alemanha, o dr. Gama Pinto. Sendo-lhe confiada desde já, para que se não veja na necessidade de voltar ao exercicio do seu emprego no estrangeiro, a direcção do curso theorico e pratico da clinica ophthalmologica, far-se-ha uma excellente aquisição, com que muito lucrará o paiz e a sciencia.

Movido por estas considerações; attendendo a que a urgencia não consente que se espere pela reunião dos corpos legislativos para lhes apresentar, como seria mais regular, a proposta de lei para a creação definitiva do referido curso; e attendendo a que as despezas que forem precisas para a installação e organização do mesmo curso podem ser provisoriamente pagas pelas verbas auctorizadas para as despezas extraordinarias e eventuales da instrucção e da saude publica, tenho a honra de submeter á sabia approvação de Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Secretaria d'estado dos negocios do reino, em 8 de agosto de 1889. — José Luciano de Castro.

Tomando em consideração o relatório do presidente do conselho de ministros e ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, e tendo ouvido o conselho de ministros: hei por bem decretar provisoriamente a seguinte:

Artigo 1.º É estabelecido na cidade de Lisboa um curso

theorico e pratico de pathologia e clinica ophthalmologica.

§ 1.º Para a regencia d'este curso haverá um director-professor, e um ajudante-chefe de clinica.

§ 2.º O provimento do lugar de director-professor será feito por nomeação do governo em individuos de competencia especial e provada reputação n'esse ramo de sciencia. O primeiro provimento do ajudante-chefe recairá em pessoa de reconhecida aptidão, contratada pelo governo em paiz estrangeiro.

§ 3.º O director-professor do curso vence o ordenado annual de 1:200\$000 réis, e são-lhe applicaveis as disposições que regulam as aposentações dos membros do magisterio de instrucção superior. O ajudante chefe de clinica vence o ordenado annual de 360\$000 réis.

§ 4.º A organização do curso, sua duração, frequencia e habilitação dos alumnos serão opportunamente determinadas em regulamentos approvados pelo governo.

Art. 2.º O governo submeterá á approvação das câmaras na proxima sessão as disposições d'esto decreto na parte que depende de sanção legislativa.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 8 de agosto de 1889. — Ret. — José Luciano de Castro. D. do G. n.º 151, de 14 de agosto.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO
E INDUSTRIA

DIRECÇÃO GERAL DO COMMERCIO E INDUSTRIA
TERCEIRA REPARTIÇÃO
Industria

Sendo necessario regular o serviço dos laboratorios electrotechnicos e escolas praticas de telegraphia dos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto: ha por bem Sua Magestade El-Rei approvar e ordenar que sejam executadas para o referido serviço as instrucções regulamentares, que fazem parte d'esta portaria, e que com ella baixam assignadas pelo conselheiro director geral do commercio e industria.

Paço, em 8 de agosto de 1889. — Eduardo José Coelho.

Instrucções regulamentares para o serviço dos laboratorios electrotechnicos e escolas praticas de telegraphia dos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto, a que se refere a portaria d'esta data

Artigo 1.º O laboratorio electrotechnico é destinado:

a) A ministrar a instrucção pratica aos alumnos da 8.ª cadeira dos institutos, nos termos das respectivas instrucções regulamentares especiaes;

b) A executar as experiencias, ensaios ou investigações technicas que o governo determinar ou que o lente da 8.ª cadeira emprender;

c) A executar, mediante o pagamento das quantias designadas na tarifa junta, os trabalhos e ensaios requisitados por particulares.

§ unico. Todos os trabalhos emprehendidos no laboratorio electrotechnico serão dirigidos pelo lente da 8.ª cadeira, coadjuvado pelo preparador de electrotechnia.

Art. 2.º A escola pratica de telegraphia annexa ao laboratorio electrotechnico é destinada:

a) A ministrar o ensino pratico sobre o uso e manipulação dos apparatus telegraphicos aos alumnos dos institutos, pelo modo designado nos respectivos programmas;

b) A ministrar a instrucção pratica sobre o uso e manipulação dos apparatus telegraphicos a quaesquer pessoas que o governo mandar admitir á frequencia d'esta escola.

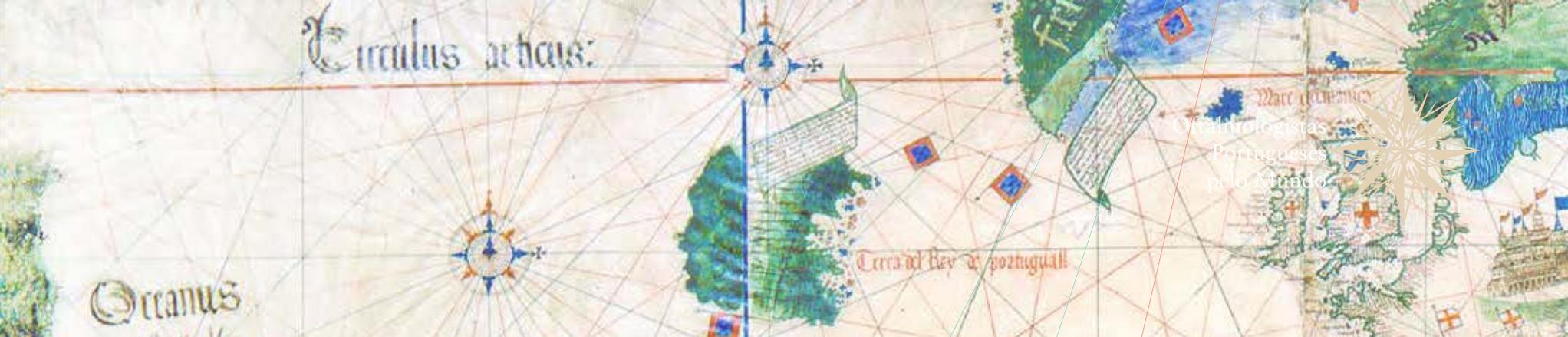
§ unico. O ensino pratico será sempre ministrado pelo preparador de electrotechnia, sob a direcção do lente da 8.ª cadeira.



25	Lei (ministerio do reino — Diario do governo n.º 167 de 29 de julho) approvando com algumas modificações o contrato relativo á adjudicação das aguas medicinaes do Gerês.....	349
25	Decreto (ministerio da justiça — Diario do governo n.º 167 de 29 de julho) creando uma conservatoria privativa do registo predial na comarca do Gouveia.....	351
25	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 167 de 29 de julho) approvando as instrucções provisórias que regulam a execução do § 1.º do artigo 1.º da carta de lei de 15 do corrente mez sobre cativeiros. (Erratas no Diario do governo n.º 175).....	351
25	Decreto (presidencia do conselho de ministros — Diario do governo n.º 168 de 30 de julho) mandando que nas repartições publicas da cidade de Aveiro se considerem feriados os dias 12 e 13 de agosto proximo, em que devem realisar-se os festejos da inauguração do monumento á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães.....	354
25	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 168 de 30 de julho) modificando a tabella que faz parte das instrucções preliminares da pauta de 22 de setembro de 1887 na parte que respecta á taxa a deduzir nas vasilhas de madeira contendo vinho.....	354
25	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 168 de 30 de julho) creando um posto de despacho no sitio da Serra do Gerês denominado Postella do Homem.....	355
25	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 171 de 2 de agosto) declarando urgente a expropriação de duas parcelas de terreno para construção do segundo e terceiro lanço da primeira secção do ramal do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.....	355
25	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) declarando urgente a expropriação de duas parcelas de terreno para construção do primeiro lanço da segunda secção do ramal do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.....	355
25	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 179 de 12 de agosto) providenciando sobre a conservação, reparação e distribuição do novo armamento e outros artigos do material de guerra adquiridos para a guarda fiscal.....	355
25	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 182 de 16 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma parcella de terreno para construção de um lanço do ramal da estrada de Casias a Laveiras.....	356
25	Accórdão (tribunal do contencioso fiscal da segunda instancia — Diario do governo n.º 252 de 7 de novembro) deoquendo provimento no recurso extraordinario de José Luiz Abrantes sobre apprehensão de generos sujeitos ao real de agui.....	354
25	Accórdão (tribunal do contencioso fiscal da segunda instancia — Diario do governo n.º 252 de 7 de novembro) dando provimento no recurso de Alexandre Maria Gomes e outros sobre apprehensão de azeite.....	355
26	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) mandando incluir a estrada de Rio de Minas, Massamá, no numero das estradas municipaes de segunda classe do districto de Lisboa.....	356
26	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma casa para construção de um lanço da estrada districtal n.º 162.....	356
26	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma parcella de terreno para construção de um lanço da estrada districtal n.º 162.....	356
26	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma casa para construção de um lanço da estrada districtal n.º 162.....	356
26	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 172 de 3 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma casa para construção de um lanço da estrada districtal n.º 162.....	356
26	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 182 de 16 de agosto) creando um posto de despacho de segunda classe junto da estação do caminho de ferro da Figueira da Foz.....	357
26	Portaria (ministerio da marinha — Diario do governo n.º 166 de 27 de julho) declarando á companhia de Moçambique que o governo não reconheceu nem póde reconhecer a companhia de Manica Ophir.....	357
29	Lei (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 205 de 12 de setembro) autorisando o governo a contratar a execução das obras para o esgoto e saneamento da cidade de Coimbra pelo systema metallico pneumático de Berlier.....	357
30	Decreto (ministerio da guerra — Diario do governo n.º 187, de 22 de agosto) determinando o numero de praças do exercito que podem matricular-se, no anno lectivo de 1889-1890, nas escolas de instrução superior.....	357

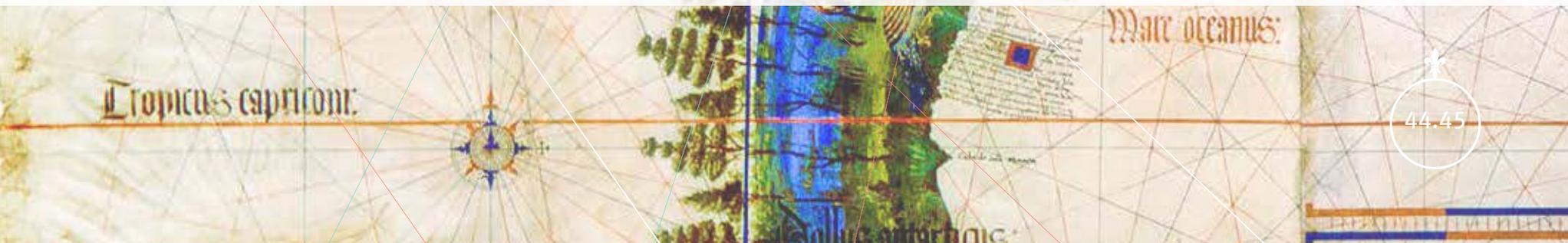
Agosto

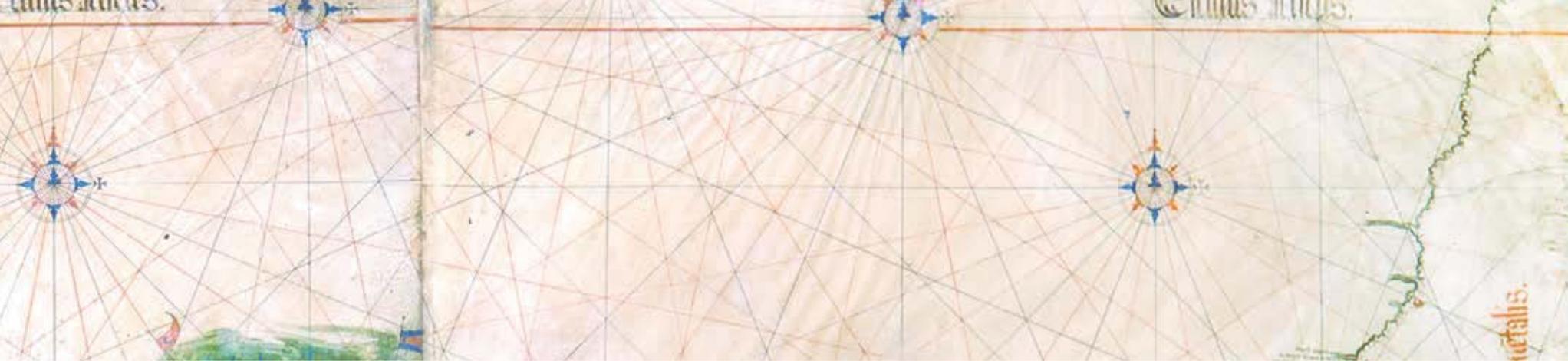
1	Decreto (ministerio da guerra — Diario do governo n.º 186 de 21 de agosto) transferindo sobras de uns para outros artigos da tabella das despesas do respectivo ministerio para o exercicio de 1888-1889.....	358
1	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 260 de 16 de novembro) negando provimento no recurso da Eduardo Veiga de Araujo e João Veiga de Araujo sobre contribuição predial.....	585
2	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 185 de 20 de agosto) creando um posto fiscal no sitio do caes da estiva da alfandega de Porto, denominado «Cima do muro dos bacalhocos».....	359
3	Contrato (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 173 de 5 de agosto) celebrado entre o governo e o banco de Portugal para pagamento da melhoria dos vencimentos dos officiaes reformados de terra e mar.....	359
7	Decreto (ministerio do reino — Diario do governo n.º 273 de 2 de dezembro) negando provimento no recurso do agente privativo do ministerio publico junto do tribunal administrativo de Vizeu sobre venda de predios baldios.....	589
7	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 275 de 5 de dezembro) negando provimento no recurso do agente do ministerio publico junto do tribunal administrativo da Horta sobre contribuição predial.....	587
7	Decreto (ministerio da fazenda — Diario do governo n.º 275 de 5 de dezembro) concedendo provimento no recurso do inspector de fazenda e director da repartição de fazenda do districto de Lisboa sobre contribuição do registo.....	587
8	Decreto (ministerio da justiça — Diario do governo n.º 178 de 10 de agosto) creando uma conservatoria privativa do registo predial na comarca de Porto de Moz.....	360
8	Decreto (ministerio da marinha — Diario do governo n.º 178 de 10 de agosto) determinando que os governadores dos districtos de Benguela e Mossamedes, quando saírem em visita aos concelhos limitrophes, sejam substituidos nas funcções de administrador do concelho pelos respectivos secretarios do governo.....	360
8	Decreto (ministerio da marinha — Diario do governo n.º 178 de 10 de agosto) extinguindo os logares de curador dos presos pobres e dos escravos e libertos nas comarcas das provincias de Angola e S. Thomé e Príncipe.....	360
8	Decreto (ministerio da marinha — Diario do governo n.º 178 de 10 de agosto) concedendo um subsidio de 3:000\$000 réis annuaes á missão catholica de Boroma na Zambesia. (Erratas no Diario do governo n.º 179).....	360
8	Decreto (ministerio do reino — Diario do governo n.º 179 de 12 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma porção de terreno e casas para construção de um mercado e outras obras em villa de Porto de Moz.....	361
8	Decreto (ministerio do reino — Diario do governo n.º 179 de 12 de agosto) declarando de utilidade publica a expropriação de um terreno para edificação de casas escolares.....	361
8	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 180 de 13 de agosto) declarando urgente a expropriação de diferentes parcelas de terreno para a construção de um lanço de estrada real n.º 39.....	361
8	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 180 de 13 de agosto) declarando urgente a expropriação de uma parcella de terreno para construção de um lanço da estrada districtal n.º 86.....	361
8	Decreto (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 180 de 13 de agosto) mandando incluir uma estrada no numero das estradas municipaes de 2.ª classe do districto de Lisboa.....	362
8	Decreto (ministerio do reino — Diario do governo n.º 181 de 14 de agosto) creando em Lisboa um curso theorico e pratico de pathologia e clinica ophthalmologica.....	362
8	Portaria (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 181 de 14 de agosto) mandando executar as instrucções regulamentares para o serviço dos laboratorios electrotechnicos, e escolas praticas de telegraphia dos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto.....	262
8	Portaria (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 182 de 16 de agosto) approvando e mandando executar as instrucções regulamentares para o escriptorio commerciaes dos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto. (Erratas no Diario do governo n.º 183).....	364
8	Portaria (ministerio das obras publicas — Diario do governo n.º 182 de 16 de agosto) approvando e mandando executar as instrucções regulamentares para os trabalhos praticos nos institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto. (Erratas no Diario do governo n.º 183).....	264
8	Decreto (ministerio da guerra — Diario do governo n.º 187 de 22 de agosto) mandando que aos officiaes do exercito de terra e mar, reformados anteriormente á lei de 22 de agosto de 1887, se abone desde o 1.º de julho do corrente.....	



Bibliografia:

- 1 - Güemez-Sandoval, Eréndira. El papiro Ebers y la oftalmología. Sección de história. Rev Mex Oftalmol. Marzo-Abril 2009, 83(2) 123-125
- 2 - Carvalho, Augusto da Silva. História da Oftalmologia Portuguesa: até ao fim do século XVI. Boletim da Sociedade de Oftalmologia. Lisboa 1939, Tomo I, 16-34, págs. 18, 19, 22, 24, 29, 30, 33.
- 3 - Vazquez de Benito, Maria Concepcion. La “Quinta Maqãla” del Tratado Oftalmología de Alcoaí. Texto árabe y latino, y traducción al castellano. Universidad de Salamanca.1973. pág. 89.
- 4 - Furtado, A.O Médico Pedro Hispano Portucalense. Acta Med Port 2012 Jan-Fevereiro 25(1)2-3
- 5 - Pinto Cardoso, Armando; Smith, A. Mark. O Tratado dos Olhos de Pedro Hispano. Agosto 2008. Fundação Champalimaud, FMR. Aletheia
- 6 - Hui, Lim Kuang. Leaders in Ophthalmology in The Asia-Pacific: XXVI International Congress of Ophthalmology, Singapore 1990. National University Hospital. China. Shi-yuan Zang. pág.35.
- 7- Duke-Elder, Sir Stuart. System of Ophthalmology. Vol.V: Ophthalmic Optics and Refraction. Chapter XVII: Spectacles. London, The C.V. Mosby Company 1970, pag. 609.
- 8 - Carvalho, Augusto da Silva. História da Oftalmologia Portuguesa: século XVII. Boletim da Sociedade de Oftalmologia, Lisboa, 1940, Tomo II, 63-86, pags. 63, 65, 66, 69, 71, 73, 75.
- 9 - Carvalho, Augusto da Silva. História da Oftalmologia Portuguesa: Na segunda metade do século XVII. Boletim da Sociedade de Oftalmologia, Lisboa 1944-1945, Tomo IV, 163-186, págs. 164, 165, 171, 174, 176, 179, 185, 186.
- 10 - Moutinho, Henrique. O tracoma no exército português. Arquivos da Clínica Oftalmológica do Hospital Militar Principal, Lisboa, 1944-1945, Tomo I, 27-48, págs. 29, 36.
- 11 - Costa, José Vences. Centenário do falecimento do Doutor José António Marques. Fundador da Cruz Vermelha Portuguesa 1884-1984. Apontamentos sobre a sua vida. Separata do Boletim «Informação» da CVP Lisboa 8 Nov.1984.
- 12 - Marques, José António. Aperçu historique de l’ophthalmie militaire portugaise, suivi de considérations sur la voie d’introduction de cette maladie et de sa diffusion dans l’armée, ainsi que d’une note sur un nouveau traitement des granulations. Mémoire présenté au Congrès ophthalmologique, réuni à Bruxelles, le 13 septembre 1857. Brussels: Typographie et Lithographie de J. Vanbuggenhoudt, 1857. pág. 11-15.
- 13 - Albarran, Eduardo; Viana, Artur May. Organização da luta antitracomatosa em Portugal. Separata do Boletim dos Serviços de Saúde Pública, vol.2. Lisboa 1955.





14 - Dr. Pedro Van-der-Laan. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa. Rio de Janeiro. pág.115.

15 - Dr. Francisco Lourenço da Fonseca. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa. Rio de Janeiro. pág. 560.

16 - Fonseca, L. Jr. O que é a Ophthalmologia lá fora e o que ela é em Portugal. Ophthalmologia Prática. Lisboa Novembro 1878. Editores Van der Laan e Lourenço da Fonseca. Jr. número 6. pág. 118-121.

17- Cordeiro Blanco, José. Sessão de homenagem à memória do Prof. Gama Pinto: Discurso do Dr. José Cordeiro Blanco. Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Tomo CX, nº 7 - Jul., Ag.,Set. de 1946, pág.303-315.

18 - Fonseca, L. Retrospectiva do movimento ophthalmologico Português 1875-1881. Archivo Ophthalmotherapico de Lisboa. L. da Fonseca, 2º anno, vol II pág. 12-13.

19 - Collecção Official de Legislação Portuguesa Anno de 1889 Lisboa, Imprensa Nacional 1889. Hemeroteca Nacional.

20 - Lemos, Maximiano. Camilo e os médicos. Arquivos de História da Medicina Portuguesa. Nova Série 12º ano, Editorial

Inova. Porto 1974, pág 355-358.

21 - Moutinho, Mário. O Gabinete de Oftalmologia do Hospital Militar da Estrela. Notícia histórica pelo seu fundador. Arquivos da Clínica Oftalmológica do Hospital Militar Principal, Lisboa, 1944-1945, Tomo I, 11-18, págs. 12, 13.

22 - Carta de Curso de Oftalmologia do Dr. Anastácio Gonçalves. Casa Museu Anastácio Gonçalves (Visitada em 2012).

23 - Lobo, Sousa. Esboceto ou resumo histórico da oftalmologia em Moçambique. Lourenço Marques. Boletim da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Vol I, Tomo IX, 1963, págs. 1-9.

24 - Andrade, A Lopes. Em Moçambique pela mão da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Arquivos Portugueses de Oftalmologia. Vol. 15, fasc. 2º. Lisboa 1963, pág.13-25.



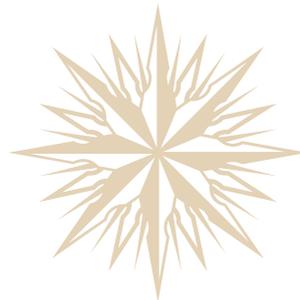


Agradecimentos:

Ao Museu de Marinha, por ter disponibilizado um *fac-símile* do Planisfério de Cantino, cujo original se encontra na Biblioteca Estense, em Modena, Itália.

Se tudo o que foi dito vos fascinou, proponho a todos (em especial oftalmologistas ou seus familiares), que enriqueçam a História da Oftalmologia Portuguesa, legando-nos por escrito as vossas experiências vividas. Passado recente ou presente, pois foi com muita dificuldade que obtive alguns dos dados, que acabais de saborear.

Fernando Henrique **de Sousa** Bivar Weinholtz





 **Théa**

Mare oceanus